

Para Introduzir uma Reflexão Sobre o “Estilo” da Interpretação

*René Roussillon**

Resumo: O autor questiona-se sobre como falar “psicanaliticamente” da questão do estilo da interpretação. O estilo da interpretação engaja-se, de maneira fundamental, à questão da contratransferência. Admitindo-se isso no processo analítico, os psicanalistas poderiam debater sobre o que deles está implicado no estilo de suas interpretações. A partir de 1920, com a descrição de S. Freud da economia narcísica, não podemos mais pensar a interpretação como simples tradução de conteúdos reprimidos em palavras. Ela deverá assegurar uma função de ligação primária e, para tanto, a estrutura e a forma da interpretação passarão para o primeiro plano da reflexão. O autor destaca que no pensamento psicanalítico atual deve haver uma sintonia do analista com o tipo de comunicação possível para cada paciente. Assim, estabelece dois tipos de sintonia: uma verbal, metafórica, que opera no nível secundário e outra sintonia que chama mimo-gesto-postural, característica do vínculo primário, típica das interações precoces, possibilitando uma ligação. Trabalhando nesse nível as intervenções do analista funcionariam como atos ou ações simbolizantes, criadoras de representações.

Palavras-chave: Estilo Interpretativo. Interpretação. Sugestão. Sedução. Hipnose. Sintonia Afetiva.

Não é muito freqüente que psicanalistas abordem a questão de suas interpretações do ponto de vista estilístico. Certamente não que a questão do estilo seja “nova” ou de importância menor, simplesmente o problema habitualmente não é encarado, não é abordado por si mesmo, ou melhor, *em si mesmo*; ele aparece como efeito colateral de alguma

* Membro Titular e Didata da Sociedade Psicanalítica de Paris. Professor de Psicologia Clínica da Universidade Lumière, Lyon, França.

dificuldade do processo, ou é tratado “no ato” a partir da forma da interpretação proposta em um ou outro momento de uma sessão, ou ainda aparece incluído no tema geral da interpretação.

Essa situação leva ao questionamento, de início, sobre a pertinência ou as características latentes, e mesmo literalmente inconscientes, dessa problemática. Tratar-se-ia desse tipo de questão que engaja de maneira fundamental algum aspecto “transicional” da interpretação, que uma espécie de “sabedoria espontânea” teria tentado manter “muda”, como para deixá-la agir livremente, com a esperança de que esse silêncio contribua para manter a condição de possibilidade de sua eficácia efetiva? Há questões cuja experiência nos ensinou que seria melhor que não fossem colocadas, cuja suspensão cava o espaço necessário para o desenvolvimento de um processo, trabalha mesmo a possibilidade desse processo. “O que não se pode dizer, é preciso calar”, como escreve Wittgenstein. É preciso “saber” calar, encontrar a melhor maneira de não falar sobre, a melhor maneira de “calar” eficazmente: os silêncios não se equivalem. Remeteríamos, então, a questão do estilo da interpretação à questão da “arte” do psicanalista, a essa categoria de conceito cujo charme principal é precisamente suspender o exame aprofundado do que ela descreve.

A menos que, mas não há oposição absoluta entre as duas hipóteses, se considere que não encontramos ainda uma maneira especificamente “psicanalítica” de abordar tal questão, que ainda não encontramos um viés que aporte mais do que ameace... Essa poderia ser, aliás, uma primeira forma de colocar a questão: como falar “psicanaliticamente” da questão do estilo da interpretação? Como tratar disso sem justamente fazer com que a parte de transicionalidade que ela canaliza seja ameaçada em sua própria existência? Como falar disso para lhe dar a oportunidade de se desenvolver ainda melhor? Haveria, pois, também uma questão do “estilo” do intercâmbio fecundo a propósito do próprio estilo – questão que, já por seu efeito de reiteração, conteria uma primeira condição do tratamento do problema.

Se, como afirmava Buffon, “o estilo é o próprio homem”, podemos pressentir imediatamente que a questão do estilo da interpretação conduz, de maneira fundamental, à questão da contratransferência. E em um nível desde o início suficientemente essencial para desencorajar a esperança dos subterfúgios correntes ou convencionais que sempre exercem uma atração sobre o encontro com esse aspecto central da prática psicanalítica. É aqui certamente que a ameaça que eu referia antes incide mais; é aqui também que a transicionalidade é mais duramente colocada à prova; é aqui, portanto, que convém ser mais prudente. Ainda mais que, em se tratando do estilo, a questão da contratransferência poderia dizer respeito não somente ao nosso engajamento contratransferencial individual, singular, mas mobilizar também seus aspectos “institucionais”, nossas posições “coletivas” em relação à análise e suas características, e mesmo nossas posições “teóricas” em relação à neutralidade ou à influência do analista sobre a condução da análise.

O estilo define, portanto, também posições grupais, carrega traços de algumas identificações que, com frequência, tomam valor emblemático de nossas pertinências grupais e de nossas referências simbólicas e ideológicas.

As precauções que acabo de tomar não testemunham apenas uma obsessividade de minha parte, que tomaria como pretexto esse tema para se desenvolver tranquilamente, protegida por uma caução “científica” ou analítica. Elas representam, antes, um primeiro tipo de busca do campo problemático que sinaliza nossa questão, uma primeira problematização das dificuldades com as quais se depara sua abordagem. Nesse sentido, elas já começaram a “fazer trabalhar” em esboço nosso tema, começaram a produzir uma forma do que ele engaja no intercâmbio inter-analítico, talvez do que historicamente engajou na psicanálise. A precaução indica a presença potencial de uma ameaça de suspensão superegóica, a proximidade de uma zona de tensão identitária, de uma retenção provocada pela consideração de um sinal de alarme que convida a identificar primeiramente os traços eventuais do encontro traumático. Dar-se a si mesmo uma representação

refletida de seu estilo “espontâneo” já é ter uma medida daquilo com que nos encontramos subjetivamente confrontados.

Propor, no entanto, nesse contexto, abordar a questão do estilo da interpretação é também considerar que ela está agora madura, que o que entrava potencialmente o debate coletivo está suficientemente elaborado para que a esperança que ela mobiliza exceda o temor das dificuldades que ela contém. Como indicarei mais adiante, a possibilidade de abordar, numa “posição confortável”, a questão do estilo me parece resultar de um avanço suficiente da teoria da contratransferência e, em particular, da problemática da inevitabilidade da “sedução” ou da sugestão pela/dentro da contratransferência; inclusive dessa porção de sedução engajada, ou melhor, “materializada” pelo enquadre psicanalítico. Que os psicanalistas sejam agora capazes de admitir coletivamente sua implicação contratransferencial inevitável na instalação e no desenvolvimento do processo de análise permite esperar que se possa abrir um debate similar no que diz respeito ao que se engaja deles no estilo de suas interpretações. Quanto mais a psicanálise progredir no levantamento de suas expectativas específicas, mais a representação dos fundamentos de sua abordagem será afinada, mais se pode esperar que ela esteja à altura de refletir sobre as modalidades de suas induções, de estar à altura de aceitar jogar com elas.

Essa primeira série de observações relativas ao lugar da questão do estilo na reflexão psicanalítica atual leva-me bastante naturalmente a uma segunda série de reflexões prévias.

A questão do estilo da interpretação nem sempre se coloca, ou ao menos nem sempre se coloca como tal: há análises ou concepções da análise em que ela parece não ter que aparecer, ao menos, ainda aqui, não como uma questão. É o caso nas primeiras teorias da análise e da interpretação durante a análise, digamos, para ser breve e de maneira um pouco simplificadora, no modelo 1907-1913, ou nas análises em que o modelo das psiconeuroses de transferência parece se desenrolar de maneira suficientemente pura. Não faço referência, evidentemente, à existência efetiva de tais modelos ou de tais análises. Procuo, antes, as condições históricas

de emergência da questão ou, ao contrário, as condições de sua não-problematização, mas deixo no fundo indeterminável o fato de saber se o modelo diz respeito às análises efetivas – algumas análises particulares – ou à representação que a psicanálise tem dele. Procuro, assim, estudar o modelo e suas expectativas, e mesmo seus subentendidos; proponho o que se chama atualmente de uma experiência de pensamento.

Esse modelo seria o de uma interpretação-tradução que se contentaria em “colocar em palavras” uma representação de coisa inconsciente ativa ou ativada na neurose de transferência e “madura” para uma tomada de consciência. Nessa perspectiva, o problema propriamente dito de um estilo da interpretação não se coloca ou é reduzido à questão da formulação adequada da representação reprimida. Trata-se simplesmente de encontrar as palavras que convêm melhor à sua admissão pré-consciente: palavras que “colam” melhor, que traduzem melhor essa representação, que são mais capazes de atravessar a censura e a resistência, para produzir o retorno do reprimido mais dinamizador. O enquadre fez seu trabalho, a interpretação não poderia ser selvagem, a instauração da situação psicanalítica por si mesma lhe confere um “tato” suficiente, a regra fundamental permitiu a infiltração das cadeias associativas pela representação reprimida, a capacidade do psicanalista de adivinhar a representação inconsciente é testemunha disto, assim como ela testemunha de que a interpretação está madura, de que a aproximação e o contato com o reprimido são suficientes. Nessa lógica ou nesses regimes do processo psicanalítico, pode-se prescindir do estilo; é o enquadre que assegura sozinho o arranjo das condições favoráveis para que o conteúdo da interpretação “passe” e seja recebido. A capacidade de síntese do Ego se encarrega depois de integrar o novo conteúdo na trama deste.

A partir de 1914, com a introdução das problemáticas narcísicas, mas de maneira cada vez mais nítida após 1920 e a “segunda metapsicologia”, a transferência não é mais evidente, pode se chocar com o narcisismo e com seus baluartes protetores, ser mascarada pelas próprias defesas narcísicas. A interpretação não se confronta mais somente com a resistência da censu-

ra ou com a dificuldade de alcançar atrás de seus disfarces a representação reprimida; a resistência também pode ser inconsciente, a capacidade de síntese do Ego pode estar em dificuldade. O problema da ligação não se coloca mais somente entre a representação de coisa e a representação de palavra, pode também dizer respeito à “ligação primária”: o problema que a interpretação deve gerir não é mais somente dinâmico, é também econômico, opera sobre a economia do próprio narcisismo, sobre a tópica da construção do Ego, sobre a forma dos bolsos do saco deste.¹ O enquadre não faz mais sua tarefa sempre – sua função é às vezes invertida a partir de dentro, como na reação terapêutica negativa –, ele não é mais suficiente para assegurar a regulação automática do processo.

Após 1920, ou com a introdução da problemática da economia narcísica, as tarefas confiadas à interpretação deverão ficar mais complexas e se diversificar, e esta não pode mais ser pensada sob a égide da simples tradução em palavra dos conteúdos reprimidos.

A interpretação deverá assegurar uma função de ligação primária quando esta não está conquistada; ela deverá suprir a falha da capacidade de síntese do Ego, se transformar em “construção” ou “reconstrução”, mais ainda, deverá ir buscar o que está “cortado da transferência” para restabelecer o contato com zonas psíquicas “autistizadas” (de acordo com os trabalhos daquele que na época era o mais próximo da problemática do estilo da interpretação: S. Ferenczi), corrigir as falhas do enquadre quando este não é mais capaz de assegurar sua função organizadora “espontânea”. O conjunto dessas tarefas não pode mais ser confiado ao simples conteúdo da interpretação, é sua estrutura, são suas formas que deverão passar para o primeiro plano da reflexão, e assim abrir a problemática ou o conjunto das problemáticas do estilo da interpretação. A simples colocação em palavra não é mais suficiente; é uma verdadeira “colocação em jogo” que a interpretação deve produzir. O analista deverá dar provas de criatividade para

¹ Sobre estes pontos conforme R. Roussillon “Les enjeux techniques du tournant de 1920” (As consequências técnicas da virada de 1920) in *Revue Belge de psychanalyse*, nº 28, 1996.

levar para a transferência, e em “boa posição”, isto é, em posição analisável, o que da história vivida ou muito difícil de ser vivida se recusa ainda à integração significativa.

Mas assim que a problemática da ligação primária passa para o primeiro plano, assim que a criatividade do analista se torna um dos parâmetros fundamentais da interpretação e do trabalho psicanalítico, reabre-se a questão da influência do analista, da sugestão eventual contida no exercício dessa criatividade, e mesmo a questão da sedução que ela pode exercer sobre a psique do analisando. A interpretação “simples tradução em palavra” afastava o espectro da hipnose das origens, reduzia a questão do “contato” e da distância relacional a sua mais simples forma; o analista não passava de intermediário entre o analisando e o que ele não compreendia de si mesmo. Desde logo ele se retirara da cena, renunciara a se colocar como ator, propondo-se somente ao simples papel de “ponto”.

Não é por acaso, de acordo com a formulação convencional, se, cada um por seu lado, S. Freud e S. Ferenczi encontram novamente nessa época a questão da hipnose em suas clínicas, quer seja a do cobre da sugestão, a da transmissão de pensamento ou da comunicação “de inconsciente para inconsciente”, até mesmo a dos benefícios da “relaxação” durante a sessão. A prática psicanalítica, mais firme em seus fundamentos, mais segura em sua identidade e nos princípios de seu exercício, tem menos necessidade de rechaçar o espectro da hipnose e da sugestão para se colocar ela própria – ela está talvez à altura de manifestar e de utilizar o “núcleo de verdade” que sua pré-história continha, e que os primeiros tempos de sua prática tinham necessariamente contra-vestido e clivado de sua técnica. Mas, para isso, a hipnose necessitava ser desempoadada, a influência necessitava ser pensada, os meios e razões de sua eficácia, liberados. Não pode ser suficiente, de fato, se contentar com sua analogia com o estado amoroso (FREUD, 1920) para pensar a função do amor na transferência ou a função do narcisismo primário na identificação ou o vínculo primário ao objeto. É a própria natureza do vínculo amoroso primário, a natureza do vínculo primário, da sintonia afetiva, do “contato” primário, do “tato” primeiro, que deve poder

ser questionada através do conjunto dessas questões, e isso de maneira transversal tanto à hipnose quanto à prática psicanalítica.

Desse ponto de vista, a hipnose, as práticas de “sedução sugestiva” têm algo a ensinar à psicanálise, ou melhor, elas evidenciam, elas permitem manifestar mais nitidamente alguma coisa que atua como sustentáculo e de maneira oculta ou latente na técnica psicanalítica. Se aceitamos que a psicanálise não tem mais que se defender dos aspectos “sedutores” de sua prática, se aceitamos a existência de uma “sedução generalizada” no sentido de J. Laplanche, se aceitamos pensar que o problema não é mais opor uma prática “sedutora” a uma prática que teria erradicado todo vestígio de sedução de seu exercício, se aceitamos pensar que o problema é antes examinar a maneira como a sedução está organizada e a abertura “transicional” que ela contém; enfim, se aceitamos abordar o problema da sedução e da sugestão em outros termos que aqueles do tudo ou nada, então nada proíbe de tentar extrair da hipnose, e do “núcleo” de verdade que ela contém, princípios úteis para a psicanálise e para a problemática da interpretação.

É, aliás, o que se apresenta no conjunto dos trabalhos recentes que enfatizam os aspectos psicodramáticos de algumas formas de interpretações, os aspectos “econômicos” de algumas interpretações “agidas” (P. Israël), ou de algumas “ações falantes”, de acordo com o termo um pouco aproximativo de P. C. Racamier – eu ficaria tentado a preferir o termo ato ou ação “simbolizante” ou “ato simbólico” (ROUSSILLON, 1991). A criatividade, a ação criativa que a recolocação em jogo da problemática da ligação primária requer não se conceberia sem um modo equivalente do ato, sem que se exerça alguma forma de influência, sem que um ato simbólico, mobilizando formas de representações-coisas ou de representações-atos, seja introduzido pelo analista.

As técnicas modernas da hipnose e da sugestão desenvolveram e sistematizaram particularmente o que era apenas saber empírico no século XIX. Elas, no entanto, não atingiram um nível de teorização conveniente, que, justamente, o pensamento psicanalítico esclarecido pelos trabalhos recentes relativos aos modos de comunicação não-verbais pode fornecer. Os tra-

balhos de D. Stern, por exemplo, e em particular o conceito de sintonia que ele desenvolve, permitem começar a pensar a problemática do vínculo, ou mais exatamente a pensar a maneira como esse vínculo se estabelece e se constrói. Transposto para o espaço psicanalítico, poder-se-ia distinguir dois níveis de sintonias necessárias para a reconstrução na transferência do vínculo primário subjacente à questão da ligação primária.

O primeiro nível seria aquele que eu ficaria tentado de chamar *uma sintonia verbal*. Ele consiste em utilizar a mesma gama de metáfora da relação que a do analisando. Por exemplo, para um analisando que utiliza metáforas de tipo “visuais” (eu “vejo” o que você quer dizer), a intervenção de sintonia “responderá” através de uma outra metáfora de tipo “visual”; da mesma forma para a utilização de gamas metafóricas de tipo “auditivo” (eu “entendo”), “sensitivo” (eu “sinto”), tátil (eu fico “tocado”), cinestésico, etc. A utilização de uma metaforização interpretativa “sintonizada” com a do analisando potencializa a vivência subjetiva e a convicção de um “contato” intersubjetivo com conteúdo representativo idêntico. Tal regra está implícita na prescrição tradicional da técnica psicanalítica que recomenda utilizar as palavras dos próprios pacientes; é, certamente, a razão profunda dela. A sintonia interpretativa “verbal” e metafórica que acabamos de citar opera no nível do vínculo “secundário”, age o mais próximo das representações de palavras e do vínculo representações de palavras/representações de coisas que caracteriza o funcionamento do pré-consciente; se a sintonia é, bem evidentemente, um componente do estilo da interpretação, ela está longe de resumir a integralidade dos problemas que esta questão encerra.

O segundo nível diz respeito à sintonia mimo-gesto-postural. É muito mais característico da construção ou da reconstrução do vínculo ou da ligação primária. É essa sintonia que D. Stern evidenciou na interação precoce mãe-bebê; é esta que tece a trama do vínculo primeiro, na origem das identificações primárias cujo vetor é não verbal. Essa sintonia reúne a trilogia evidenciada por Winnicott (*holding, handling, object presenting*), mas coloca dessa vez a ênfase na harmonização mútua inconsciente do gestual,

das mímicas, e mesmo das posturas recíprocas da mãe e de seu bebê na origem do mundo encontrado-criado das pré-formas da transicionalidade primária. Os técnicos da hipnose utilizam o que denomino a sintonia *mimo-gesto-postural* para estabelecer o “contato” hipnótico inconsciente com o paciente. Essa técnica consiste em “sincronizar” em particular sua própria postura com a do outro, até que o contato seja estabelecido – o que se manifesta pelo fato de que, nesse momento, é o outro que inconscientemente, por sua vez, sincroniza sua própria postura com a do hipnotizador: as sugestões hipnóticas podem então começar.

A experiência mostra que, sempre com conteúdo igual, a eficácia das sugestões é otimizada pela utilização dessa técnica. As reações miméticas que acompanham o estado amoroso, mas que se observa também, com frequência, em algumas fases da transferência, são fenômenos de sintonias totalmente aparentadas a essas modalidades primárias do vínculo. Meu propósito, pode-se imaginar, não é preconizar uma utilização “sugestiva” da interpretação que refinaria sua eficácia com o auxílio de técnicas derivadas da hipnose, mas, antes, questionar a problemática da estilística da interpretação a partir desses modos de analisadores do vínculo primeiro, e isto em particular quando as formas da ligação primária estão em dificuldades, quando convém tentar restabelecer o “contato transferencial” com elementos clivados da integração transferencial. De toda maneira, queiramos ou não, tais processos existem e se manifestam, atuam no âmago do processo psicanalítico, são em grande parte inconscientes – são aqueles da famosa “transmissão de inconsciente para inconsciente” ou aqueles que a correspondência S. Freud/S. Ferenczi denomina “a transmissão de pensamento”. Sem dúvida, é preferível tornar inteligível ou tentar tornar inteligível e “utilizável” para a análise o que de qualquer maneira não se pode evitar, que remeter a análise a maneiras enigmáticas de transmissão e aos impasses epistemológicos que elas implicam.

O modelo da interpretação “simples tradução em palavras” dos conteúdos reprimidos se apóia principalmente sobre a função metafórica do aparelho de linguagem. Considerando a questão da sintonia e do vínculo

primário, a interpretação deverá encontrar corpo, deverá se descobrir capaz de ação, deverá se apoiar também sobre os aspectos retóricos do aparelho de linguagem. A retórica, aqui compreendida no sentido antigo do termo como arte da influência, arte de convencer, define as formas de ação pela linguagem, contém a questão dos “gestos verbais”, das “posturas verbais”, das “mímicas relacionais” que dão “corpo”, e corpo em relação, à linguagem. O que o corpo do psicanalista não pode expressar no colóquio analítico, a retórica de suas interpretações deverá colocar, no entanto, em jogo: essa me parece a questão essencial da problemática do estilo da interpretação.

Dar corpo à linguagem não é evidente por si só, mesmo que de toda maneira esta não possa evitar ser necessariamente afetada pelo corpo. Encontrar a forma que confere a postura relacional adequada ao enunciado, o “tom” que convém para manifestar em um dado momento da transferência a distância e o tipo de contato julgado ótimo pelo analista pode raramente se programar sem artifícios e sem ao mesmo tempo fazer com que a interpretação perca seu valor de sintonia; é sob-medida que essa questão deverá ser resolvida. Estamos, portanto, novamente remetidos a uma “arte da interpretação” que tornaria logo caduco nosso esforço atual para pensar as expectativas e as particularidades da interpretação? Ou, antes, podemos esperar extrair os parâmetros em jogo no que se apresenta como uma arte, mas que conteria, no entanto, rigor suficiente para que uma reflexão racional produza nela, sem dúvida, menos uma “lógica” que uma práxis? O avanço dessa questão, isto é evidente, diz respeito à escolha das palavras do analista, mas ela diz respeito também à estrutura sintática, à pragmática das interpretações, ao tom com o qual são proferidas, à prosódia de sua formulação, ao seu ritmo e à coincidência deste com o das associações do analisando, ao momento em que ocorrem durante a sessão, à sua frequência e duração. Tantas variáveis que tecem a trama de um estilo, variáveis de um modo de presença e de interação que especificam a contratransferência, que a informam ao analisando. Essas questões demandam, portanto, agora, trabalhos para fazer progredir o levantamento das conseqüências latentes

PARA INTRODUIR UMA REFLEXÃO SOBRE O
“ESTILO” DA INTERPRETAÇÃO

da questão do estilo da interpretação, para encontrar “exemplos”, no sentido grego do termo, próprios para concretizar essas conseqüências, continuar a precisar os parâmetros de variação dos componentes do estilo além do que comecei a traçar e, enfim, interrogar essas variações em função das conjunturas transferenciais às quais elas se aplicam.

To Introduce a Reflection About “Style” on Interpretation

Abstract: The author asks himself how to speak on a psychoanalytic way about the matter of style of interpretation. The style of interpretation is engaged, in a fundamental way, to the issue of countertransference. Once this is admitted in the analytical process, the psychoanalysts could discuss about what from themselves is implicated in the style of their interpretations. Since S. Freud’s narcissistic economy description in 1920, we can no longer think the interpretation as a simple translation of contents repressed in words. It should assure a function of primary connection, in this manner the structure and the form of the interpretation will pass to the first plan of the reflection. The author highlights that in the current psychoanalytic thought there should be a syntony between the analyst and the possible kind of communication for each patient. Thus, two syntony types are established: a verbal, metaphorical, that operates in the secondary level and another syntony called mime-gesture-postural, characteristic of the primary bond, typical of the precocious interactions, making a connection possible. Working on this level the analyst’s interventions would work as actions or symbolic actions, creators of representations.

Keywords: Interpretative style. Interpretation. Suggestion. Seduction. Hypnosis. Affective Syntony.

Para Introducir una Reflexión Acerca del “Estilo” de la Interpretación

Resumen: El autor se cuestiona acerca de cómo hablar “psicoanalíticamente” del estilo de la interpretación. Este se liga, de manera fundamental, a la cuestión de la contratransferencia. Admitiéndose tal asociación en el proceso analítico, los psicoanalistas podrían debatir sobre aquello que de ellos está implicado en el estilo de sus interpretaciones. A partir de 1920, con la descripción de S. Freud acerca de la economía narcisista, no podemos más pensar la interpretación como simple traducción de contenidos reprimidos en palabras. Ella deberá garantizar una función de ligazón primaria y, para lograr eso, la estructura y la forma de la interpretación pasarán al primer plano de la reflexión. El autor destaca que en el pensamiento psicoanalítico actual debe haber una sintonía del analista con la forma de comunicación posible para cada paciente. Así que establece dos tipos de sintonía: una verbal, metafórica, que opera en el nivel secundario y otra, que llama mimo-gesto-postural, característica del vínculo primario y típica de las interacciones tempranas,

que posibilita una ligazón. Al trabajar en ese nivel, las intervenciones del analista funcionan como actos o acciones simbolizantes, creadoras de representaciones.

Palabras-clave: Estilo Interpretativo. Interpretación. Sugestión. Seducción. Hipnosis. Sintonía Afectiva.

Referências

- ANZIEU, D. (1974). Le moi-peau. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, Paris, n. 8.
- _____. (1975). Le transfert paradoxal. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, Paris, n. 12.
- DONNET, J. (1983). L'enjeu de l'interprétation. **Revue Française de Psychanalyse**, n. 5.
- FERENCZI, S. (1927-1933). **Psychanalyse**. Paris: Payot. v. 4.
- FREUD, S. (1895). **Études sur l'hystérie**. Paris: PUF.
- _____. (1920). Au-delà du principe du plaisir. In: _____. **Essais de psychanalyse**, Paris: Payot.
- GREEN, A. (1963). La Psychanalyse devant l'opposition de l'histoire et de la structure. **Critique**, Paris, n. 194.
- _____. (1990). **La folie privée**. Paris: NRF.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. (1963). **Fantasmes originaires, fantasmes des origines, origines des fantasmes**. Paris: Les Temps Modernes.
- ROUSSILLON, R. (1981a). Paradoxe et continuité chez Winnicott. **Bulletin de Psychologie**, t. 34, n. 350, p. 503-509.
- _____. (1985a). La réaction thérapeutique négative: du protiste au jeu de construction. **Revue Française de Psychanalyse**, n. 2, p. 597-621, 1985.
- _____. (1985b). Du baquet de Mesmer au "baquet" de S. Freud. **Revue Française de Psychanalyse**, n. 6, p. 1363-1383, 1985.
- _____. (1985c). Le médium malleable, la représentation de la représentation et la pulsion d'emprise. **Revue Belge de Psychanalyse**, n. 13, 1989.
- _____. (1985d). Les paradoxes et la honte d'Oedipe. **Actualité Psychiatrique**, n. 5, p. 83-92, 1987.
- _____. (1985e). Négation, négativisme, négativité: les destins du reste dans la pensée de S. Freud de 1918 à 1923. In.: GUILAUMIN, J. (Dir.). **Pouvoir du négatif**. Paris: Champ-Vallon, 1988.
- _____. (1985f). "Le paradoxe de la destructivité" ou l'utilisation de l'objet selon Winnicott. **Entrevue**, n. 13, p. 72-79, 1987.
- _____. (1986). Hypnose et contre-transfert sur le cadre psychanalytique chez S. Ferenczi. **Bulletin du Groupe lyonnais de Psychanalyse**, n. 11, p. 35-68, 1988.

PARA INTRODUIZIR UMA REFLEXÃO SOBRE O
"ESTILO" DA INTERPRETAÇÃO

- _____. (1987a). Carence fantasmatique et activité psychique "seconde peau". **Revue Française de Psychanalyse**, n. 2, p. 659-663, 1987.
- _____. (1987b). L'hypnose cathartique de J. Breuer et Anna O. **Archéologie du cadre de la pratique psychanalytique**. (A ser publicado pela PUF).
- _____. (1987c). Le pacte dénégatif originaire, le domptage de la pulsion et l'effacement. In: _____. **Figures et modalités du négatif**. Paris: Dunod, 1989.
- _____. (1987d). Le traumatisme perdu. **Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris**, n. 13, p. 27-38, 1987.
- _____. (1990). L'indécidabilité de l'originaire. In: _____. **Psychanalyse: question pour demain**. PUF.
- STERN, D. N. (1985). **Le monde interpersonnel du nourrisson**. Paris: PUF, 1989.
- WINNICOTT, D. (1958). **Collected paper: through paediatrics to psychoanalysis**. London: Tavistock.
- _____. (1965). **The maturational process and the facelating environment**. London: Hogarth Press.
- _____. (1971). **Jeu et réalité**. Paris: Gallimard, 1975. Tradução do inglês por Monod e J.-B Pontalis.
- _____. (1974). La crainte de l'effondrement. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, Paris, n. 11, p. 35-44.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Traduzido do francês por Ester Malque Litvin

René Roussillon

12 quai de Serbie, 69006 Lyon – France

E-mail: rene.roussillon@wanadoo.fr